

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de *ELECTRICIDADE*

Os Inquisidores

Entre os compromissos a que me comprometi, um dia no Porto, já lá vão quatro anos, foi o de realizar em Lisboa, no passado mês de Julho, as 6.^{as} Jornadas Luso-Espanholas de Engenharia Electrotécnica, sob a égide da Universidade Nova de Lisboa. O compromisso foi assumido perante a respectiva Comissão Directiva, cujos presidentes (um por parte de Espanha e outro do lado de Portugal) são vitalícios e entendidos como onipotentes, por serem os "pais" desse evento científico e tecnológico. Eu sempre disse que "uma vez dito que faço, está feito". Quer dizer, como presidente da Comissão Organizadora no local da realização haveria de expor as linhas gerais da Conferência e, quando estas ficassem assentes, daria cabal execução aos fins pretendidos: um encontro de alto nível científico e tecnológico entre profissionais da engenharia electrotécnica, ao mesmo tempo que proporcionaria um ambiente social agradável e humanizante.

Entre os muitos livros que entretanto fui lendo « O Anatomista », de Federico Andahazi, impressionou-me pela simbologia retratada da sociedade no século XVI, quando a Inquisição despedaçava os sinais inovadores do conhecimento e queimava as vidas que ousassem ter voz própria. Nunca antes percebera o verdadeiro significado desse espírito do tempo, emanado dos antros conventuais espanhóis e que chegou a ser assimilado por altos designados portugueses. Nunca havia reflectido sobre o papel dos inquisidores na sociedade, mesmo sabendo como Galileu e muitos outros foram proscritos socialmente porque não vergaram à ignomínia da ingratidão. Na ficção de Andahazi, "O diabo

emvergou hoje as vestes da ciência. Hoje os falsos profetas proclamam-se cientistas e artistas", encontra-se naquele livro, em tom prepotente e revelador de uma completa ignorância.

Esta leitura aconteceu no passado mês de Fevereiro. Logo a seguir, convidei a Comissão Directiva a visitar o local seleccionado à realização das Jornadas (o hotel Penta, em Lisboa), já que a sua aparente onipotência fraqueja sob o aspecto financeiro, como é tradição. A visita, atenta na observação, decorreu sem comentários. E aproveitei para informar como iam as perspectivas da programação, quanto aos múltiplos aspectos da Comissão de Honra, Comissão Científica, programa das sessões de exposição oral e posters (com base nos resumos até aquela data), programa social e aspectos de financiamento (convites para patrocínios e balanço económico). Tudo isto, porém, não satisfez os anseios pré-insatisfeitos dos auditores. Faltava algo. Mas o quê? Apercebi-me, então, que faltava o beija-mão: não dissera, passo a passo, o que ia congeminando. Aí declarei que me mantinha na vertical, informando todas as linhas gerais, as datas chave, os acontecimentos importantes. Era a estratégia, que interessaria ao comando na cúpula. A tática, essa estava ao nível da acção, nas mãos do quem não tinha tempo para reportar inutilmente cada tentativa e cada exclusão; só daria conhecimento das sucessivas decisões, após a avaliação que as situações exigissem. Lembraram-me logo: e o conselho dos "pais"? Ao que o "filho", aliás bastante mais velho, retorquiu com a sua vasta experiência, mesmo no campo da União Europeia, em casos análogos. Tudo inútil! E a zanga deu-se.

Assim sentenciou a alegação incriminatória: "Acuso o réu de perjúrio porquanto faltou a cada palavra do seu juramento, desonrando e profanando o ofício para o qual foi instruído nesta Casa"

— disse o Inquisidor-mor na ficção de « O Anatomista ». E prosseguiu: "Tudo o que possa dizer-vos é pouco comparado com as provas que o próprio réu nos oferece: ouvistes as declarações das testemunhas: lestes tudo o que rezam as actas e vistes as pinturas que o réu executou com as suas próprias mãos. A prova mais concludente é, porém, a própria palavra do acusado. A descoberta de que se arroga não é mais do que um diabólico embuste".

Os meses passaram, num intenso trabalho organizativo e sob uma angústia irracional. De um lado, pressionava o isolamento para alinhar adequadamente 250 comunicações escritas, em quatro espessos volumes, num total de 2038 páginas, com comentários introdutórios e apontamentos estatísticos para inserção nos discursos de abertura e encerramento. De outro lado, pressionava o silêncio a que os inquiridores se remeteram, sem dar resposta a uma carta (honrosamente manuscrita) de identificação da emotividade no meio da racionalidade, por quem fora ferido na sua personalidade e capacidade de execução dentro da própria casa, e não respondendo a outra carta de convite para que assistissem ao acto final das Jornadas (como se fosse uma obrigação), depois de lhes ter enviado o programa projectado e até esteticamente impresso num A5 de 36 páginas. De onde emergia, afinal, a "falta de diálogo"? Nunca uma palavra de incentivo do pedestal directivo.

Finalmente, os três dias de Julho aconteceram. Num ambiente de quatro estrelas. Com muita assistência, excedendo as expectativas: 280 participantes activos. Sessões de alto nível, em apresentações retro-projectadas e com projecção vídeo, cuidadosamente moderadas e minuciosamente articuladas. Paradisiacas pausas para café, num jardim soalheiro ao lado de uma

piscina. Almoços requintados, à volta de uma longa mesa aberta, recheada com variadas iguarias, para livre escolha, entre luxuosa qualidade e beleza. Jantar de gala encantador, à luz exótica de lanternas, no meio das máquinas de uma antiga central eléctrica a carvão, à beira do Tejo, e a oferta de livros raros, vinhos alentejanos e castiçais em vidro ecológico (na ausência dos fados que a Inquisição não mereceria, mas que gostaria de ter proporcionado, pelos menos, à jovial venezuelana Elisabeth, da Universidade Simon Bolívar). Foram três dias de sufoco, sob entreolhares inquisidores, em silêncio, acusando total indisponibilidade para um breve debate acerca da organização, sempre à espreita de qualquer deslize justificador da falta dos conselhos paternos.

"Mas deixo ao próprio réu a minha acusação. Escutai a sua defesa e nas suas próprias palavras encontrareis as provas do que vos digo", assim terminou o Inquisidor-mor a sua alegação medieval.

Na Sessão de Encerramento das Jornadas li o discurso preparado quinze dias antes. Agradei aos magníficos reitores a presença ou ausência. Depois comecei a agradecer aos presidentes directivos: "Só vos posso dizer isto: fiz o meu melhor, e, podem crer, com devoção". De repente, parei de ler: a língua prendeu-se, os olhos inundaram-se. Senti a emoção em confronto com a razão, calando a voz da dúvida — que os homens não nascem robôs e só se tornam máquinas quando ignoram a alma. Espontaneamente, ouvi uma estrondosa salva de palmas. Não sei quem compreendeu aquele aperto na garganta. Mas sei que o silêncio inquisitorial foi quebrado: Não se justificava acender a fogueira. **E**